

TEORIA DA DERIVA¹

A **deriva** como forma de vivência e método para romper com a racionalidade das representações do espaço dominantes foi uma prática entre os letristas e situacionistas. A formulação mais ampla dessa prática será, depois, tentada por Guy Debord. Para sua realização o livro “Paris et l’agglomération parisienne”, de Chombart de Lauwe, terá certa influência. A **deriva** se define como um “comportamento ‘lúdico-construtivo’; ligada a uma percepção-concepção do espaço urbano enquanto labirinto: espaço a ‘decifrar’ (como decifrando um texto com características secretas) e a descobrir pela experiência direta.” (New Babylon, Constant - Art et Utopie, p. 14)

Entre os diversos procedimentos situacionistas, a deriva se apresenta como uma técnica da passagem ativa através dos variados ambientes. O conceito de deriva está indissoluvelmente ligado ao conhecimento dos efeitos de natureza psicogeográfica, e à afirmação de um comportamento lúdico-construtivo, o que o opõe em todos os pontos às noções clássicas de viagem e de passeio.

Uma ou mais pessoas se entregando à deriva renunciam, por uma duração mais ou menos longa, às razões de se deslocar e de agir que elas conhecem geralmente, às relações, aos trabalhos e aos lazeres que lhe são próprios, para se deixar ir por solicitações do terreno e dos encontros que lhe correspondem. A parte do aleatório é aqui menos determinante que se crê: do ponto de vista da deriva, existe um relevo psicogeográfico das cidades, com correntes constantes, pontos fixos, e turbilhões que tornam o acesso ou a saída de certas zonas muito difíceis.

Mas a deriva, na sua unidade, compreende ao mesmo tempo este se *deixar levar* e sua contradição necessária: a dominação das variações psicogeográficas pelo conhecimento e o cálculo de suas possibilidades. Sob este último aspecto, os dados postos em evidência pela ecologia, e tão limitado quanto possa ser a priori o espaço social, cujo estudo esta ciência se propõe, não deixam de sustentar utilmente o pensamento psicogeográfico.

A análise ecológica do caráter absoluto ou relativo das divisões ou cortes do tecido urbano, a do papel dos micro-climas, a das unidades elementares inteiramente distintas referentes aos bairros administrativos, e, sobretudo, a da ação dominante de centros de atração, deve ser utilizada e completada pelo método psicogeográfico. O terreno passional objetivo onde se move a deriva deve ser definido ao mesmo tempo segundo seu próprio determinismo e segundo suas relações com a morfologia social.

Chombart de Lauwe no seu estudo sobre “Paris e a aglomeração parisiense” (1952) nota que “um bairro urbano não está determinado somente pelos fatores geográficos e econômicos mas pela representação que seus habitantes e aqueles dos outros bairros têm a respeito dele”; e apresenta na mesma obra - para mostrar “a estreiteza de Paris real na qual vive cada indivíduo...geograficamente um quadro cujo raio é extremamente pequeno” - o traçado de todos os percursos efetuados em um ano por uma estudante de um dos bairros de Paris; estes percursos desenham um triângulo de dimensão reduzida, sem escapadelas (sem mistérios), cujos três picos são a Escola de Ciências Políticas, o domicílio da jovem e aquele do professor de piano.

Não há dúvida que tais esquemas, exemplos de uma poesia moderna suscetível de desencadear vivas reações afetivas - neste caso, a indignação de que seja possível viver desta forma -, ou mesmo a teoria, avançada por Burgess à propósito de Chicago, da repartição das atividades sociais em zonas concêntricas definidas, não devem servir aos progressos da deriva.

O acaso tem na deriva um papel mais importante quando a observação psicogeográfica não está ainda assegurada. Mas a ação do acaso é naturalmente conservadora e tende, num novo quadro, a tudo levar à alternância de um número limitado de variantes e ao hábito. O progresso não sendo jamais senão a ruptura de um dos campos onde se exerce o acaso, pela criação de novas condições mais favoráveis a nossos desenhos, pode-se dizer que os acasos da deriva são essencialmente diferentes daqueles do passeio, mas que os primeiros apelos (simpatias) psicogeográficos descobertos correm o risco de fixar o sujeito ou o grupo em torno de novos eixos habituais, onde tudo os reduz constantemente.

¹ Tradução de Amélia Luisa Damiani.

Uma insuficiente desconfiança com relação ao acaso, e seu emprego ideológico sempre reacionário, condenou a um fracasso morno a célebre caminhada sem objetivo tentada em 1923 por 4 surrealistas a partir de uma cidade tirada à sorte: a “errança” tediosa pelo campo é evidentemente deprimente, e as intervenções do acaso aí são tão pobres quanto jamais. Mas a irreflexão é levada muito mais longe em *Médium* (maio de 1954), por um certo Pierre Vendryes que crê poder assimilar desta anedota - porque tudo isso participaria de uma mesma liberação antideterminista - algumas experiências probabilistas...

Às antípodas dessas aberrações, o caráter principalmente urbano da deriva, no contato com centros de possibilidades e de significações que são as grandes cidades transformadas pela indústria, responderia melhor através da frase de Marx: “Os homens não podem nada ver entorno deles, que não seja seu rosto, tudo lhe fala deles mesmos. Sua própria paisagem é animada.”

Pode-se *derivar* sozinho, mas tudo indica que a repartição numérica a mais frutífera consiste em muitos pequenos grupos de 2 ou 3 pessoas chegando a uma mesma tomada de consciência, o recorte das impressões desses diferentes grupos devendo permitir conclusões objetivas. É desejável que a composição desses grupos mude de uma deriva a outra. Acima de 4 ou 5 participantes, o caráter próprio a deriva decresce rapidamente, e em todo acaso é impossível superar a dezena sem que a deriva se fragmente em muitas derivas dirigidas simultaneamente. A prática deste último movimento é, aliás, de um grande interesse, mas as dificuldades que ele desencadeia não permitiram até o presente organizá-lo com amplitude desejável.

A duração média de uma deriva é um dia, considerado como o intervalo de tempo compreendido entre dois períodos de sol. Os pontos de partida e chegada, no tempo, em relação ao dia solar, são indiferentes, mas é preciso notar, entretanto, que as últimas horas da noite são geralmente impróprias para a deriva.

Esta duração média da deriva não tem senão um valor estatístico. Logo ela se apresenta diferente de sua pureza, os interessados evitando dificilmente, no começo ou no fim deste dia, de se distrair uma ou duas horas para empregá-las em ocupações banais; no fim do dia a fadiga contribui muito a este abandono. Mas, sobretudo, a deriva se desenvolve frequentemente em algumas horas deliberadamente fixadas, ou mesmo fortuitamente durante muitos breves instantes, ou ao contrário durante muitos dias sem interrupção. Apesar das paradas impostas pela necessidade de dormir, certas derivas com uma intensidade suficiente são prolongadas por 3 a 4 dias, mesmo mais que isto. É verdade que no caso de uma sucessão de derivas, durante um longo período, é quase impossível determinar com alguma precisão o momento em que o estado de espírito próprio de uma deriva dá lugar a de outra...

A influência das variações do clima sobre a deriva, embora real, não é determinante senão no caso de chuvas prolongadas, que a impedem quase absolutamente. Mas as trovoadas ou as outras espécies de precipitações aí são ao contrário propícias.

O campo espacial da deriva é mais ou menos preciso ou vago se esta atividade visa, sobretudo, ao estudo de um terreno ou aos resultados afetivos surpreendentes. É preciso não negligenciar o fato que estes dois aspectos da deriva apresentam múltiplas interferências e que é impossível isolar um do outro em estado puro. Mas o uso dos táxis, por exemplo, fornece uma linha de repartição muito clara: se no curso de uma deriva toma-se um táxi, seja para destinação precisa, seja para se deslocar 20 minutos em direção a oeste, é porque o que está importando é a mudança (pessoal). **Se se atém à exploração direta de um terreno, privilegia-se a pesquisa de um urbanismo psicogeográfico.**

Em todos os casos o campo espacial é antes função das bases de partida constituídas, pelos sujeitos isolados, por seu domicílio e pelos grupos, pelos pontos de reunião escolhidos. A extensão máxima deste campo espacial não ultrapassa o conjunto da cidade e suas periferias. Sua extensão mínima pode ser limitada a uma pequena unidade de ambiente: um único bairro...

A exploração de um campo espacial fixado supõe então o estabelecimento de bases e o cálculo das direções de penetração. É aqui que intervém o estudo das cartas, tanto comuns, como ecológicas ou psicogeográficas, a retificação ou melhora dessas cartas. É necessário dizer que o gosto do bairro em si mesmo desconhecido, jamais percorrido, não intervém em nada? Além de sua insignificância, este aspecto do problema é a rigor subjetivo e não subsiste por muito tempo.

A parte da exploração ao contrário é mínima, em relação àquela de um comportamento desconcertante, no “encontro possível”. O sujeito se recolhe ou é invocado a permanecer só numa hora que é determinada num lugar que se lhe é fixado. Ele é invadido por penosas obrigações do encontro ordinário (comum), porque não há ninguém a esperar. Entretanto, este “encontro possível” tendo-o levado ao imprevisto em um lugar que ele pode conhecer ou ignorar, ele observa dele os arredores...Ele pode não encontrar ninguém ou encontrar por acaso aquele que fixou o “encontro possível”. De qualquer maneira, e, sobretudo, se o lugar e a hora foram bem escolhidos, o emprego do tempo do sujeito aí tomará uma evolução imprevista...

Assim o modo de vida pouco coerente e mesmo certas brincadeiras reputadas como duvidosas, que sempre estiveram presentes em nós, como, por exemplo, se introduzir de noite em casas em demolição [...] errar nos subterrâneos das catacumbas que estão interditados ao público, trazem um sentimento mais geral que não é outro senão o sentimento da deriva. O que se pode escrever vale somente como senhas neste grande jogo.

Os ensinamentos da deriva permitem estabelecer os primeiros levantamentos das articulações psicogeográficas de uma cidade moderna. Para além do reconhecimento das unidades ambientais, de seus componentes principais e de sua localização espacial, percebem-se seus eixos principais de passagem, suas saídas e suas proibições (interdições). Chega-se à hipótese central da existência de camadas desviantes psicogeográficas. Medem-se as distâncias que separam efetivamente duas regiões de uma cidade, e que não têm medida comum com o que faz crer uma visão aproximativa de um plano. Pode-se levantar, com a ajuda de velhas cartas, de vistas fotográficas aéreas, e de derivas experimentais, a uma cartografia “influencial”, que falta até o presente [...] (o que é pior já que não se trata mais de delimitar precisamente os continentes duráveis, mas mudar a arquitetura e o urbanismo).

As diferentes unidades de atmosfera e de habitação, hoje, não se sobressaem exatamente, mas estão cercadas de margens fronteiriças mais ou menos extensas. A mudança, a mais geral, que a deriva conduz a propor, é a diminuição constante dessas margens de fronteiras, até a sua supressão completa.

Mesmo na arquitetura, o gosto da deriva leva a preconizar toda sorte de novas formas do labirinto, que as possibilidades modernas de construção favorecem...

G.-E. Debord (Internationale Situationniste, pp.51-55)